



PELA TRILHA DO BOSQUE – PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA O ESPAÇO URBANO

Priscila Rampin. UFU
Beatriz Basile da Silva Rauscher. UFU

RESUMO: Aborda-se aqui os resultados e prolongamentos do trabalho de iniciação científica intitulado “Cartão Postal: paisagens do lixo e do esgoto”, que contou com o apoio do programa Pibic/CNPq/UFU e cujo objetivo foi refletir sobre o problema da geração e disposição inadequada do lixo urbano sob uma perspectiva estética e portanto por meio do olhar do artista. As considerações ao longo do texto demonstram um modo de operação do artista que pretende, através do seu trabalho, posicionar-se socialmente e ativamente acerca dos diversos temas relacionados ao meio ambiente (natural e urbano) e a sociedade.

Palavras-chave: Arte e sociedade, arte contextual, lixo urbano

ABSTRACT: *The article addresses the results and extensions of the research titled "Postcard: landscapes of garbage and sewage," which had the support of the program Pibic / CNPq / UFU and whose aim was to reflect on the problem of generation and inadequate disposal of urban waste under an aesthetic perspective and therefore through the artist's eye. Considerations throughout the text demonstrate a mode of operation of the artist who wants, through their work, engage socially and actively about topics related to the environment (natural and urban) and society.*

Key-words: *art and society, contextual art, urban garbage*

“Querida Bruna a foto deste postal registra a irresponsabilidade de nossa geração com o lixo. Peço desculpas e faço votos que sua geração mude. Com amor papai e mamãe”.¹

Do meu confronto com a aglomeração de lixo das imediações do Córrego Liso e do Córrego do Lobo, situados em área urbana da cidade de Uberlândia (MG), surgiu a vontade de criar cartões postais que circulassem uma paisagem insólita para esse modo de comunicação. Do confronto com esse cartão postal do lixo, surge a mensagem entristecida dos pais e o alerta à filha Bruna.

O processo relatado ao longo desse texto aflora de um relato crítico do geógrafo e professor Antônio Giacomini Ribeiro à rádio local universitária, cujo

tema era a prática da disposição inadequada dos resíduos sólidos na cidade². Tal discussão sobre uma situação dissonante no contexto local, associada ao olhar sensível do artista, despertaram em mim o interesse pelo tema.

Após obter informações sobre a localidade dos lixões, tracei um itinerário com vistas a conhecê-los de perto. Percorrer esses locais por várias vezes, fotografá-los e encontrar pessoas que neles (ou deles) vivem foi essencial também enquanto experiência pessoal. Dois trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos de 2011 e 2012 emergem dessa experiência do qual pretendi trazer à tona uma situação que certamente é conhecida pela população, mas que nem sempre é percebida. Inseridos em nossa rotina diária somos atores e espectadores de atos automatizados e talvez de uma certa ignorância: *Cartão Postal: paisagens do lixo e do esgoto*, plano de trabalho desenvolvido nos moldes do programa de iniciação científica e *Bem-vindo ao Bosque das Águas* este um prolongamento da pesquisa anterior e tema do meu trabalho de conclusão de curso .

Armando Silva, filósofo e diretor do projeto de pesquisa internacional Imaginários Urbanos, chama de “atuações urbanas” a teatralidade diária do cidadão. São elas que fazem com que “[...] se vincule o indivíduo à cidade, à sua cidade de maneira permanente e performativa.” (2001, p.78)

Como resultado de uma atuação urbana tem-se a aglomeração de lixo nas imediações de córregos urbanos, dos quais elegi como recorte de pesquisa, o Córrego Liso e o Córrego do Lobo, devido a recorrência do problema nestas localidades.³ Ver de perto a enorme quantidade de lixo e as práticas sociais que se dão em função dele despertou em mim, momentaneamente, um estado de impotência. Ter consciência de que somos nós, cidadãos, os responsáveis por esse estado, fez-me refletir sobre o meu próprio papel de sujeito urbano.

O impacto ambiental causado pelo lixo não se restringe ao local em que se encontra, mas atinge uma extensão não prevista, como a possível poluição dos córregos urbanos, rios e mar.

Encontrei, então, nas palavras do geógrafo David Harvey, o apoio para acreditar que mudanças de hábitos são possíveis, e que a força da coletividade pode “[...] refazer a nós mesmos e a nossas cidades”. (2008, p.11)

Harvey sustenta a noção de que o direito humano ao uso da cidade abrange mais do que tão somente acessá-la, “[...] é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações”. Propõe que o exercício do poder legítimo em relação à cidade deve ocorrer pela mobilização da coletividade e também pela formação de direitos políticos coletivos. Ademais, acredito na capacidade individual de compartilhar desejos para que estes se tornem também os desejos de outros. (2008, p.11)

O artista tem, no entanto, outra maneira de falar sobre os aspectos da vida pública e democrática que lhe concernem; o faz por “[...] meios artísticos capazes de suscitar uma atenção maior, mais singular do que a que permite a linguagem social”. (ARDENNE, 2002, p. 26)

Essa outra maneira faz da arte um importante veículo de sensibilização, cuja utilidade consiste em estabelecer uma proximidade entre o homem comum e as questões ambientais, refletindo seu compromisso com a realidade. (GUILHERME, 1998).

Os trabalhos que descrevo na sequência são, portanto, ensaios e tentativas de aplicação dos postulados de Paul Ardenne (2002), professor, curador e crítico de arte e os da urbanista Márcia Lúcia Guilherme (1998).

A estratégia de ação adotada seguiu três momentos apresentados por Rauscher (2009) para descrever o modo de operação do artista que toma o contexto urbano como objeto de suas práticas: Prospecção, no qual o artista em contato com a vida cotidiana observa-a, interage, recolhe dados, escuta-a; a ação, onde ele age como um agente e ativista, com base na análise dos dados prospectados - a esse respeito, Paul Ardenne (2002) postula que o desenrolar da ação adquire tanta importância quanto o seu resultado - ; e a documentação, etapa em que o trabalho adquire corporalidade através dos registros fotográficos, vídeos, mapas, anotações, relatos.

Paisagem do lixo – falando de outra maneira

O itinerário explorado teve dois percursos distintos, os quais foram percorridos nos meses de abril, setembro e outubro de 2011. O primeiro – traçado em vermelho

(FIG. 1) – situa-se às proximidades das nascentes do Córrego Liso.⁴ O percurso indicado pelo traço azul⁵ margeia parte do curso do Córrego do Lobo, com notados pontos de voçoroca e despejo de detritos.



Fig.1 – Imagem adaptada do *google earth* indicando a região percorrida.

Tais nascentes compõem o Bosque das Águas, parte de um projeto atualmente desativado do Departamento Municipal de Água e Esgoto em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente, para recuperação e preservação de nascentes urbanas, conforme mostra a placa indicativa que ainda permanece no local (FIG. 2). O que se vê nessa região é contraditório com a noção de preservação e recuperação. Vários pontos desse primeiro percurso servem de local de descarga irregular de detritos diversos e estão próximos à residências e às nascentes dos córregos pesquisados. A região também é tomada pela violência como mostrou algumas reportagens sobre o local.



Fig. 2 – Portal indicativo do projeto de recuperação de nascentes com os dizeres: “O Córrego Liso integra o Bosque das Águas projeto de recuperação e preservação de nascentes urbanas”.

Ao dizer que a arte é um importante veículo de sensibilização e, portanto, útil para aproximar as questões ambientais do homem comum, a urbanista Márcia Lúcia Guilherme também confere à arte um compromisso com a realidade.

Em palestra proferida para os seminários realizados pelo SESC de São Paulo sobre arte pública, em meados da década de 1990, a urbanista comentava que as noções de preservação e desenvolvimento sustentável só seriam entendidas se houvesse um maior contato entre a natureza e o homem, situação que requereria “[...] ir até lá, ver como é”, diz, ao se referir ao fato de que poucas pessoas têm oportunidade de conhecer o Pantanal, o Cerrado, a Mata Atlântica e outros biomas e ecossistemas brasileiros. (GUILHERME, 1998, p. 123).

Nesse sentido, acredita que a arte pública poderia cumprir a tarefa de mostrar ou trazer a natureza para perto das pessoas. Márcia Lúcia propõe que os artistas abordem a questão ambiental a partir da ideia de fragmento. “O fragmento é o recorte visto como a escolha sensível de porções dos elementos significativos e estéticos do bioma escolhido”. (1998, p.124)

Então, partindo da necessidade de trazer as questões ambientais para perto da população, o artista elegeria um pequeno recorte do ecossistema e/ou do bioma, preferencialmente selecionado em um ambiente urbano, para estimular sua preservação e recuperação. A sensibilização ocorreria na medida em que houvesse uma “transposição dos elementos e ações significativas” para a realidade do homem, “como forma de aproximação permanente, consciência, identidade e referência”. (op. cit., p. 124).

Acolhendo a opinião de Márcia Lúcia Guilherme e adaptando-a às necessidades dessa pesquisa, elegeu-se um fragmento do ambiente natural, ou seja, as imediações do Bosque das Águas, na medida em que ele é “um espaço verde”⁶ dentro da cidade. O nome do lugar, em seu potencial poético, remete à natureza enquanto descreve uma paisagem. Quando se pensa em um bosque das águas nosso repertório imagético nos leva a um lugar idílico. De acordo com a palestrante, jardins e parques são exemplos práticos do que constituiria um recorte de um ecossistema ou bioma.

Para a elaboração de *Cartão Postal: Paisagens do lixo e do esgoto* (FIG.3), parti dos registros fotográficos dos lixões para a criação de um conjunto de cartões postais do Bosque das Águas. A sua posterior distribuição faz circular paisagens tomadas pelos detritos e que evidenciam não somente o feio, o sujo e o desorganizado, mas também uma problemática de ordem ambiental e social. O lixo interfere no modo de vida das pessoas, dos que o produzem, dos que vivem dele, dos que sofrem com sua ação no ambiente natural. Posto isso, a intenção foi a de despertar tal reflexão naqueles que receberam o postal tendo em vista o papel individual e coletivo na construção da cidade, como salientado por Harvey (2008, p.11): “a questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoas que desejamos nos tornar”.

Além de ser entendida como a circulação e divulgação da informação, a distribuição dos postais é também um modo de exposição artística e ocorreu em vários momentos, ora através dos correios, ora pessoalmente. Em outra situação, foi instalado no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia um expositor de mesa com vários postais que podiam ser pegos sem restrição. Havia também uma pequena instrução caso o passante quisesse enviar um postal a alguém,

bastando para isso preencher os dados do destinatário e depositá-lo em uma caixa de correio, que também se encontrava disponível, para posterior postagem.

Nicolas Bourriaud explica que a distribuição de papéis, convites, os encontros casuais e os espaços de convívio são procedimentos usados pelos artistas para se criar uma relação direta com o outro, são “[...] veículos por meio dos quais se desenvolvem pensamentos singulares e relações pessoais com o mundo”. (2009, p. 64)



Fig. 3 – Cartão-postal, 2012.

O artista deve considerar o meio mais adequado para a formalização de certos projetos e ações, como trata Bourriaud (2009). Desse modo, qualquer objeto, relato escrito ou oral, registros e documentações do processo integram a linguagem artística e, assim, a aumenta a possibilidade de atingir um público diversificado.

Também com esse intuito em *Bem-vindo ao Bosque das Águas* (FIG.4) pretendi acionar a imaginação dos usuários da cidade, fazendo-os pensar em um lugar – um ecossistema – que pudesse ser de fato frequentado em momentos de lazer e descanso, que fosse considerado como ponto de interesse natural e paisagístico.

Um bosque literalmente! O trabalho coloca em evidência o aspecto fantasioso de um projeto de espaço verde que ainda não saíra do papel e que, ao mesmo tempo, pudesse ser desejado pelas pessoas:

A tentativa de reestabelecimento do “valor de uso do espaço” numa sociedade que privilegia o “valor de troca”, a possibilidade de restauração do espaço abstrato como “lugar de vida” passa necessariamente por uma “experiência estética” (FREIRE, 1997, p.29-30)

Neste trabalho faço um uso mais afetivo dos mapas; neste instante, o trajeto percorrido inúmeras vezes serve como base para a criação de uma nova cartografia, mais vivencial e narrativa⁷: “Tais mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias que não podem ser totalmente desvendadas pela razão” (FREIRE, 1997, p. 70).

Trata-se de um mapa ficcional cujos aspectos assemelham-se aos guias turísticos, que não seguem as representações cartográficas oficiais, e por isso conseguem estimular ainda mais a imaginação do turista acerca do lugar a ser visitado.

O croqui do mapa teve como orientação as imagens reais dos trajetos realizados durante as visitas aos lixões, obtidos através de *softwares* disponíveis na internet. A localização real era importante para que mesmo após as modificações, fosse possível identificar o lugar. E é justamente por essa justaposição entre o espaço físico real e o imaginado, que apresento uma nova possibilidade, ou como quer Borriaud (2009), uma proposta de habitar o mundo.

Para o local que no contexto real é ocupado por lixo, expandi uma área de vegetação de modo que ela ocupasse a quase totalidade do desenho, inserindo alguns equipamentos turísticos populares, como pista de caminhada, mirantes e centro do visitante. A próxima etapa na construção do mapa foi sua manipulação digital para enquadrá-lo à maneira dos guias turísticos e sua impressão em formato de cartaz.

Ambos os trabalhos foram apresentados em uma instalação na Galeria do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, com a expectativa de inserir o cotidiano na práxis artística. A expografia contava com quatorze registros fotográficos das regiões pesquisadas, uma mesa com os cartões-postais

aconicionados em um expositor de mesa para livre distribuição, e uma caixa de serviços de encomendas expressas dos correios para receber os cartões endereçados e posterior postalização. Na parede oposta às fotografias, foi colocado uma cópia impressa do mapa *Bem-vindo ao Bosque das Águas* no tamanho de 1.18cm x 0.84cm.



Fig. 4 – Cartaz *Bem-vindo ao Bosque das Águas*, 2012, desenho.

Em outros dois momentos me foi conferida a oportunidade de falar sobre os trabalhos: uma participação no programa de televisão Circuito Universitário da emissora da UFU, veiculado em estação regional, e em uma palestra para alunos universitários. Notei que a mensagem implícita neles torna-se ainda mais potente com o relato oral.

Ao assumir também uma postura política, o relato constitui, a meu ver, uma importante forma de apresentação, englobando a descrição do seu processo de realização, os fatores motivadores e os registros fotográficos dos lixões. Soma-se, também, a possibilidade de adequar a fala a diferentes públicos.

Se por um lado *Cartão Postal* leva uma mensagem de cunho social evidente, por

outro, o mapa fantasioso traz ludicidade ao tema, útil para que imaginemos um novo lugar. Como poderia sê-lo?

Termino evocando outro argumento de Harvey sobre como desejar um mundo alternativo ou mesmo imaginá-lo, estando imersos na experiência existente: “Se o nosso mundo urbano foi imaginado e feito, então ele pode ser re-imaginado e refeito” (2008, p.16). Completa que o ato de imaginar reconfigurações para o mundo está de acordo com o modo da ocorrência da arte contemporânea, uma vez que “[...] a arte atual apresenta modelos de universos possíveis” (op. cit., p. 18).

¹ Texto transcrito de um cartão postal endereçado à Bruna. Ação artística realizada na Galeria de Artes do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como parte da exposição individual “Bem-Vindo ao Bosque das Águas” no período de 21 a 25 de Maio de 2012 e que apresentou os trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica.

² GIACOMINI, A. Antonio Giacomini: depoimento [jan.2011] Entrevistador: Marcos Alvarenga, Uberlândia, Jan. 2011. Rádio Universitária, emissora da Universidade Federal de Uberlândia.

³ A região do Córrego Liso compreende os bairros Maravilha, Pacaembu, Residencial Gramado, Cruzeiro do Sul e Nossa Senhora das Graças, a região do Córrego do Lobo compreende o Jardim América I e II, Liberdade, Esperança e Santa Rosa, ambos localizados na cidade de Uberlândia, município do Estado de Minas Gerias, pertencente a região denominada de Triângulo Mineiro.

⁴ Uma nascente localizada na Avenida Arcírio Cardoso da Silva com a Rua Piauí e a outra na Rua Pedro Quirino Silva com a Avenida Pedro Miguelino.

⁵ Imediações do Parque Municipal Siquieroli até a Avenida Olímpica, Rua Francelina Valéria do Nascimento esquina com a Rua Elis Regina. Uma unidade do Eco ponto foi instalada na região no transcorrer desta pesquisa. São locais com infraestrutura para captação do lixo urbano (entulhos, restos de construção, podas de árvores) e fazem parte do programa de coleta seletiva do município. Funcionam todos os dias da semana, incluindo feriados e domingos e são mantidos pela Prefeitura.

⁶ Termo usado por Márcia Lúcia Guilherme para identificar praças, parques e jardins

⁷ Cristina Freire (1997, p.69) refere-se ao método psicogeográfico que permite a construção de mapas imaginários que não possuem um valor descritivo usual.

REFERÊNCIAS

ARDENNE, P. **Un arte contextual** : creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac, 2002.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. Tradução: Denise Bottmann São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, C. **Além dos mapas**: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

GUILHERME, M. L. Arte & Ecosystema. In: MIRANDA, Danilo Santos de (Coord.). **Arte Pública**. São Paulo: SESC, 1998. p. 122-127.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. **Revista Urbânia** 3. São Paulo: Editora Pressa, 2008, p. 11-17

RAUSCHER, B. B. S. Cruzamentos, Esquinas e a Situação do lugar: ações artísticas em contexto urbano. In: **Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP**. Salvador: ANPAP, EDUFBA, 2009. p. 193-207. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/beatriz_basile_da_silva_rauscher.pdf. Acesso em: 10 mai. 2013

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2001.

Priscila Rampin

Bacharel em artes visuais (2012) pela Universidade Federal de Uberlândia e em administração de empresas (1996). Foi bolsista de iniciação científica através do programa Pibic/CNPq/UFU. Participa do grupo de pesquisa poéticas da imagem – UFU/CNPq. Email: priscilarampin@me.com

Beatriz Basile da Silva Rauscher

Doutora em poéticas visuais pela UFRGS. Bolsista Sanduíche/CAPES em Paris, em 2003, na Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle, UFR Cinéma et Audiovisuel. Professora do curso de graduação em artes visuais e do programa de pós-graduação em artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Coordenadora do grupo de pesquisa Poéticas da Imagem – UFU / CNPq. E-mail: biarauscher@terra.com.br